

As contribuições do *slow food* para o consumo sustentável e a consolidação da ecogastronomia

Debora Aparecida Almeida
UnC-Curitiba
almdebora@gmail.com
Werner Assis Bertoldi
UnC-Curitiba
wernnersc@hotmail.com

RESUMO : Com a produção em massa no século XVIII e o aumento da população o crescimento econômico saltou, proporcionando demanda de produtos acima dos produzidos. A compulsão natural do homem em consumir é fator responsável pela manutenção do capitalismo. Sem ou baixo consumo o capitalismo entra em colapso. Nessa oscilação surge o Consumo Sustentável. Saber utilizar recursos naturais para satisfazer necessidades humanas, sem comprometer gerações futuras, implica reduzir volume de produtos consumidos e alteração dos hábitos. O consumo ativa a economia das empresas, porém aquisição desenfreada motivou instituições preocupadas ambientalmente para a necessidade de preservação como garantia de sobrevivência. Preocupação com a biodiversidade fez ressaltar a *Sustentabilidade*, que procura conscientizar a necessidade de preservação ambiental, sem frear a economia. O consumidor tem destaque, pois direciona a produção industrial que almeja atender clientes ampliando a capacidade de produção. O estudo visa demonstrar a responsabilidade que o homem, consumidor ou não, possui em relação à preservação ambiental. Almeja-se a conscientização das gerações, despertando-lhes interesses do Consumo Sustentável. Objetiva-se demonstrar que a evolução e a tecnologia utilizadas conscientemente, podem caminhar juntas. Consumir responsavelmente é escolher produtos e serviços adequados - consumo sustentável. Esta é a preocupação do *Slow-food*, que conjuga o prazer da alimentação, com consciência, responsabilidade e desenvolvimento sustentável. Para conscientizar é preciso mudar hábitos, incentivar famílias agricultoras e mostrar as conseqüências da destruição dos recursos naturais. A ênfase está no consumo sustentável e na dinâmica do mercado consumidor. Procura-se aliar o consumidor, o produtor e o ambiente por meio do desenvolvimento sustentável.

Palavras - chave: Consumo Sustentável, Consumo, Slow-Food.

1. INTRODUÇÃO

No século XVIII, na Inglaterra, teve início a Revolução Industrial. E com ela, a era da produção em massa. A burguesia Industrial, em busca de maiores lucros, menores custos e produção mais acelerada, buscou novas maneiras e tipos de produção de mercadorias. Isso, sem falar no crescimento populacional, que proporcionou uma demanda de produtos e serviços, acima do produzido na época.

O consumo é o coração de todo esse sistema, responsável em manter o sistema capitalista em movimento. O ser humano tem, por natureza, uma compulsão natural em consumir, sendo isso uma característica da sociedade contemporânea. Entretanto, sem consumo ou em níveis decrescentes, o sistema capitalista entra em colapso.

É justamente nessa relação – consumo alto ou baixo - que surge a necessidade de se falar em Consumo Sustentável. Isto é, saber utilizar-se dos recursos naturais para satisfazer as necessidades, sem comprometer as necessidades e aspirações das gerações futuras. Tudo isso, implica na redução do volume de produtos e serviços consumidos, e na alteração dos hábitos de consumo.

Em que pese ativar o setor econômico-financeiro das indústrias, o consumo desenfreado vem chamando a atenção de organismos preocupados com a conservação da biodiversidade, uma vez que a grande escala de consumo causa degradação do meio ambiente.

Meio ambiente é o conjunto de condições e comportamentos físicos, químicos e biológicos que possibilitam, reagem e abrigam a vida em todas as suas formas. (FIGUEIRÓ, 2007). A preservação deste meio garante a sobrevivência da espécie humana.

Ciente das condições atuais da biodiversidade e diante da preocupação com o planeta, passou-se a mencionar, reiteradamente, na *Sustentabilidade*, cuja proposta é manter-se como um meio de conciliar e conscientizar a sociedade para suprir suas necessidades e, ao mesmo tempo, preservar a biodiversidade e os ecossistemas naturais, para as gerações futuras, nos termos constitucionalmente previstos.

O mundo do capitalismo exige, para sua sobrevivência, acúmulos e investimentos crescentes, onde acaba por estimular o sistema de produção/consumo em massa. E é este sistema de produção que acaba por atender as necessidades dos consumidores, que utiliza-se de ferramentas sócio-culturais, prestígio social, publicidade e marketing para garantir suas vendas.

É neste patamar que o consumidor tem um papel muito importante, pois é a fim de atender às necessidades e desejos de seus clientes, que as indústrias de manufaturas ou serviços aumentam sua capacidade de produção, muitas vezes sem preocupar-se com o meio à sua volta.

O comportamento do consumidor apresenta-se por meio de formas diferenciadas, cabendo aos fornecedores, empresários e prestadores de serviços, ‘descobrir’ os anseios de seus clientes. E mais, é preciso destacar que nem todas as

pessoas são consumidores, ou seja, consumidor é toda pessoa com poder aquisitivo, capaz de comprar mercadorias.

É com o presente estudo que se pretende demonstrar a salutar importância e responsabilidade que o ser humano possui em relação à conservação e preservação do planeta em que vive.

Com enfoque instrutivo, almeja-se contribuir para a conscientização e aprendizado das gerações, despertando-lhes interesses e concedendo-lhes conhecimentos acerca do Consumo Sustentável.

É neste sentido que se pretende demonstrar que a evolução e a tecnologia, quando utilizadas de forma consciente, podem caminhar juntas, visando à preservação das espécies e do meio ambiente, sendo que o primeiro passo é a educação e a implantação de uma cultura de preservação.

Consumir com responsabilidade é a capacidade de escolher produtos e serviços mais adequados para cada um de nós. Esse consumo responsável torna-se ainda mais correto quando incorpora o conceito de consumo sustentável.

De que forma o consumo sustentável pode ser uma ferramenta útil para as empresas?

Que alternativas podem ser exploradas em um nicho de consumidores sustentáveis?

Denota-se, atualmente, elevada preocupação de algumas instituições e empresas, que são voltadas à preservação do planeta, preocupando, inclusive, com os altos índices de consumo irracional de produtos duráveis e não duráveis.

É neste enfoque que se denota a preocupação da instituição/Associação do *Slow-food* Brasil, que segue o conceito da ecogastronomia, conjugando-se o prazer da alimentação, com consciência, responsabilidade e desenvolvimento sustentável.

Busca-se demonstrar, também, que para se ter uma conscientização populacional, é preciso mudar hábitos culturais adquiridos e mostrar as conseqüências da má administração e/ou utilização de nossos recursos naturais, cujos prejuízos podem afetar diretamente o meio ambiente.

Neste mesmo sentido, é que se pretende, analisar o consumo contemporâneo e suas nuances, com ênfase no consumo sustentável e na nova dinâmica do mercado consumidor, uma vez que é totalmente viável diante da disponibilidade de informações que são encontradas em livros, *internet* e em programas de órgãos governamentais.

Com isso, procura-se beneficiar estudantes, professores, pesquisadores, técnicos, estudiosos, ambientalistas e demais interessados na realização da presente pesquisa acerca do comportamento do consumidor, aliado ao meio ambiente, desenvolvimento e consumo sustentáveis.

A demonstração da forma de funcionamento do *Slow-food* Brasil e como as iniciativas sustentáveis podem ser bem aceitas no mundo todo e propulsionar o desenvolvimento econômico da agricultura familiar e das comunidades tradicionais, também fazem parte do objetivo temático do presente estudo.

1.1. DESCRIÇÃO DA ABORDAGEM METODOLÓGICA

Os procedimentos metodológicos respondem: Como? Com quê? Onde?

A metodologia da pesquisa em um planejamento deve ser entendida como o conjunto detalhado e sequencial de métodos e técnicas científicas a serem executados ao longo da pesquisa.

1.2. TIPOS DE PESQUISA QUANTO AOS FINS:

A pesquisa tem uma grande importância no campo das ciências sociais, principalmente na obtenção de soluções para problemas coletivos.

De acordo com Marconi e Lakatos (2007, p.18)

O investigador, baseando-se em conhecimentos teóricos anteriores, planeja cuidadosamente o método a ser utilizado, formula problema e hipóteses, registra sistematicamente os dados e os analisa com a maior exatidão possível. Para efetuar a coleta dos dados, utiliza instrumentos adequados, emprega todos os meios mecânicos possíveis, a fim de obter maior exatidão na observação humana, no registro e na comprovação de dados.

Portanto o tipo de pesquisa a ser utilizada, para a coleta dos dados, será pelo método exploratório.

1.3. TIPOS DE PESQUISA QUANTO AOS MEIOS:

O assunto a ser pesquisado será realizado através de pesquisas bibliográficas e documental direta.

A pesquisa bibliográfica abrange todas as bibliografias já existentes e divulgadas sobre o assunto. Para Manzo *apud* Marconi e Lakatos (2007, p. 71)

A bibliografia pertinente oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente, e tem por objetivo permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de SUS pesquisas ou manipulação de suas informações.

Sua finalidade é oferecer ao pesquisador um contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre o assunto.

2. ESPAÇO E ECONOMIA: O DESAFIO DE UM NOVO TEMPO

O Brasil possui uma extensão territorial de 850 milhões de hectares. De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA (2009), a área destinada à agricultura e à pastagem corresponde somente a 35% dessa extensão, sendo que o espaço de terra ocupado exclusivamente com a agricultura é de apenas 7% do território.

Entretanto, o setor agrícola é responsável por 33% do Produto Interno Bruto Brasileiro – PIB e de 42% das exportações realizadas pelo país.

Em que pese o espaço reduzido destinado à agricultura, o clima favorável faz com que o Brasil apresente grande potencial de crescimento na produção agrícola, possibilitando, dependendo da região, duas ou mais safras por ano.

Todavia, mesmo o território brasileiro possuindo extensões de áreas agricultáveis que ainda não são aproveitadas, bem como disponibilidade de água, tecnologia de ponta no setor agrícola e uma considerável demanda mundial por alimentos, a agricultura brasileira não vem crescendo a taxas expressivas nos últimos anos.

Percebe-se que a responsabilidade por aludida demanda, entre outros fatores sociais e econômicos, é do consumidor que se encontra mais exigente e está mudando seus hábitos alimentares.

Na busca por uma sadia qualidade de vida e preocupado com a origem saudável dos alimentos que colocam sobre a mesa, os consumidores, em geral, estão à procura por alimentos orgânicos, cuja busca vem crescendo cada vez mais e em considerável

escala. Segundo os índices prestados pelo IBD¹ Certificações (2009) “o consumo de orgânicos em todo o mundo aumenta 30% anualmente, movimentando cerca de US\$ 40 bilhões, apesar de serem 50% mais caros”.

Em nosso país, considerando-se o espaço reduzido destinado à agricultura séria e responsável, o setor de alimentos orgânicos² também vem se destacando, tanto no mercado interno quanto no externo, pois todo o ano cresce o número de agricultores que vêm aderindo essa prática chamada de sustentabilidade.

Registre-se que, ainda nos termos do IBD certificações (2009), “Nos últimos anos, o mercado brasileiro desse tipo de alimentos teve taxas de crescimento de 30% ao ano e já temos uma das maiores áreas de agricultura orgânica do mundo, que exporta para vários países”.

Entretanto, cumpre salientar que o cultivo de produtos orgânicos, apesar de ser realizado quase que de forma artesanal, requerem-se muitos cuidados, além das normas e certificações serem muito rígidas e bem definidas, diferenciando-se, deste modo, da produção convencional de alimentos.

¹ O IBD Certificações é uma empresa brasileira que desenvolve atividades de certificações e inspeções agropecuárias de produtos orgânicos, extrativistas e biodinâmica. Ela opera em todo território nacional e em alguns países da América do Sul, América Central, Europa e Ásia dando auxílio no desenvolvimento e padronização da agricultura sustentável e em relações sociais, econômicas e ecológicas.

² A agricultura orgânica, segundo definição da FAO/OMS (1999), é um sistema holístico de gestão da produção que fomenta e melhora a qualidade do agroecossistema (em particular, a biodiversidade), dos ciclos biológicos e da atividade biológica do solo. Os sistemas de produção orgânica se baseiam em normas de produção específicas e precisas cuja finalidade é lograr agroecossistemas que sejam sustentáveis do ponto de vista social, ecológico, técnico e econômico. (OLTRAMARI, Ana Carla; ZOLDAN, Paulo; ALTMANN, Rubens. **Agricultura orgânica em Santa Catarina**. Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2002. p.6).

Segundo a Instrução Normativa nº. 7, de 17 de maio de 1999, do Ministério da Agricultura e do Abastecimento, considera-se sistema orgânico de produção agropecuária e industrial todo aquele em que se adotam tecnologias que otimizem o uso de recursos naturais e socioeconômicos e respeitem a integridade cultural. Tem por objetivo a auto-sustentação no tempo e no espaço; a maximização dos benefícios sociais; a minimização da dependência de energias não-renováveis e a eliminação do emprego de agrotóxicos e outros insumos artificiais tóxicos, organismos geneticamente modificados – OGM/transgênicos - ou radiações ionizantes em qualquer fase do processo de produção, armazenamento e consumo. Entre os objetivos, deve privilegiar a preservação da saúde ambiental e humana, assegurando a transparência em todas as etapas da produção e da transformação. O conceito de sistema orgânico de produção abrange os denominados ecológicos, biodinâmicos, naturais, sustentáveis, regenerativos, biológicos, agroecológicos e a permacultura. (OLTRAMARI, Ana Carla; ZOLDAN, Paulo; ALTMANN, Rubens. **Agricultura orgânica em Santa Catarina**. Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2002. p.6).

Seguem abaixo algumas das características que diferenciam o cultivo de produtos orgânicos da forma de produção convencional, conforme informações colhidas junto ao IBD Certificações (2009, p.1)

Respeito aos ciclos das estações do ano e as características da região. Colheita de vegetais na época de maturação (sem indução). Rotação e consorciação de culturas. Uso de adubos orgânicos e reciclagem de materiais. Tratamentos naturais contra pragas e doenças dos vegetais, e plantas invasoras manejadas sem herbicidas. Acessos dos animais em piquetes abertos. Alimentação orgânica e uso de práticas terapêuticas para cuidados com os animais. Produtos separados dos não-orgânicos, desde ao manuseio do maquinário, e do transporte a venda. Prateleiras e geladeiras para a venda limpas e desinfetadas sob critério e fiscalização das certificadoras. Propriedades que exploram os trabalhadores ou usam mão-de-obra infantil não recebem o certificado.

Extrai-se do quadro abaixo uma noção geral acerca dos principais produtos certificados e exportados atualmente no Brasil, bem como seus respectivos Estados de origem:

Produto	Estado de origem
Café	MG e PR
Cacau	BA
Soja e Erva-Mate	PR
Açúcar Mascavo	SP e PR
Suco de Laranja e Frutas secas	SP
Castanha de Caju, Óleo de Dendê e Frutas Tropicais	Nordeste
Óleo de Palma e Palmito	PA
Guaraná	AM
Arroz	SC e RS
Soja e Frutas Cítricas	RS
Pecuária	MT

Quadro 1: Principais produtos certificados e exportados atualmente no Brasil.

Fonte: Adaptado de www.ibd.com.br

Segundo exposto pela tabela acima, verifica-se que o Paraná é um dos Estados que apresenta destaque expressivo na produção de alimentos orgânicos, cujo cultivo e

desenvolvimento são feitos pela agricultura familiar³.



Figura 1: Localização da Produção Orgânica no Paraná.
Fonte: www.planetaorganico.com.br

Já o Estado de Santa Catarina que possui grande diversidade geográfica, uma formação étnica variada, uma estrutura fundiária na qual predomina a pequena propriedade familiar rural e uma ocupação territorial descentralizada, suas atividades econômicas estão refletidas no modo de estrutura de ocupação e colonização do território – diversificada.

Diante dessa economia diversificada depara-se com o uso não-sustentável dos recursos naturais, cuja ação vem deixando rastros de destruição e contaminação ambiental. Exemplo dessa destruição é encontrado no índice de que 95% das fontes de água potável da Região Oeste estão contaminadas pelos dejetos de suínos (SANTA CATARINA, 2004).

Mais adiante a Agenda 21 Catarinense também elucida que

Os resíduos da exploração do carvão, o uso intensivo de agrotóxicos na cultura do arroz, das hortaliças e das frutas e a emissão de efluentes industriais não tratados são outras fontes de contaminação do solo e da água. Além disso, Santa Catarina tem alguns dos rios mais poluídos do país e um dos piores índices nacionais de saneamento básico. (SANTA CATARINA, 2004, p. 12)

³ “Existem 4.130 produtores, cuja área explorada é de 3,0 hectares por família. A área plantada na safra 2004/05 foi de 11330 hectares e produção chegou a 75.900 toneladas. As hortaliças e frutas orgânicas ultrapassam a 22.000 toneladas sendo estas para consumo interno”. (HAMERSCHMIDT 2006, p.1).

Entretanto, a predominância da pequena propriedade familiar rural e a ocupação territorial descentralizada do território catarinense, o que possibilita a existência de produção agrícola diversificada, tem contribuído para o processo de estabilização da degradação ambiental e incentivado a busca por cultivo de produtos orgânicos.

Registre-se que no interior de Santa Catarina comunidades têm buscado a preservação da saúde e da natureza através da produção de alimentos orgânicos, pois o cultivo de seus produtos ocorre de forma sustentável, cuja atividade também é tida como fonte de economia local.



Figura 2: Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral - AGRECO
Fonte: www.agreco.com.br

Assim, o Estado de Santa Catarina encontrar-se em pleno desenvolvimento do cultivo de produtos orgânicos pelos pequenos produtores rurais e pela agricultura familiar, a atividade desenvolvida no Estado já dá indícios do interesse pela produção como forma de geração de renda e impulso à economia, bem como demonstra a preocupação dos agricultores com a manutenção da saúde e preservação da meio ambiente, através da sustentabilidade.

Por sua vez, no Município de Curitiba o cultivo de produtos orgânicos ainda não é difundido de forma satisfatória, pois os pequenos produtores da agricultura

familiar que praticam a atividade da agricultura orgânica nem sempre comercializam os produtos como tais ou, então, chegam a comercializá-los.

A todo modo, ainda que tímida a divulgação tem-se que no Município de Curitiba acontece a feira-livre de produtos orgânicos produzidos pelas famílias de agricultores das localidades de Passo do Marco e de Frei Rogério.

2. 1 ESPAÇOS DE PRODUÇÃO LOCAL

Conforme já exposto acima, foi também a partir do ano de 1960, com a expansão do sistema capitalista na agricultura brasileira e com o processo de modernização das lavouras, a situação de pequenos produtores teve um impacto negativo, causando significativas exclusões do campo e gerando o êxodo rural. Conforme Veiga (2003, p. 129) [...] “*Brasil na década de 60 teve como principal subproduto a expulsão prematura de força de trabalho*”.

Outro fator que contribuiu para que agricultores abandonassem suas atividades agrícolas e partissem para as grandes cidades, foi o início da industrialização do Brasil no século XX, pois, neste período, se necessitou atrair mão-de-obra do campo para as cidades, iniciando-se, deste modo, nas áreas urbanas demanda social como saúde, transporte, educação, entre outros.

É justamente neste contexto que se destaca a ‘figura’ da agricultura familiar.

Diante das necessidades urbanas e do êxodo rural, a permanência de famílias de agricultores tradicionais, proprietários de pequenas glebas rurais que de forma efetiva, extraem da terra o seu sustento, sua renda, fez com que surgisse novo modelo de geração de renda e economia no país - agricultura familiar.

Atualmente, a agricultura familiar desempenha uma atividade de suma importância para a economia do país, sem falar no desempenho de condição concreta de preservação do meio ambiente e na possibilidade efetiva do cultivo de produtos alimentícios ‘próprios para o consumo’, ou seja, alimentos *in natura* sem a adição de agrotóxicos e/ou adubos químicos.

Ao estudar acerca da Agricultura familiar como uma forma de ‘espaço de produção local’, o Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA (2006), seguindo o entendimento de diversos outros autores, como Veiga (2003) e Trigueiro (2005) sustenta que a agricultura familiar exerce um papel tímido, porém central no

“desenvolvimento do país por meio da geração de renda e trabalho, bem como no estímulo à dinamização das economias locais, o que contribui para assegurar um desenvolvimento equilibrado entre municípios e regiões”.

Mais adiante, acrescenta que

Além dos resultados econômicos específicos contribui para a manutenção da diversidade cultural, da biodiversidade, como também possui grande capacidade de preservação dos recursos naturais do país. O novo projeto de desenvolvimento permitirá a ampliação dos papéis da agricultura para além da dimensão produtiva, destacando-se a produção sócio-econômica e a promoção da segurança alimentar das famílias rurais e da sociedade, a manutenção do tecido social, cultural e ambiental. (BRASIL, 2006, p. 7).

Desta forma, destaca-se o papel primordial desempenhado pela agricultura familiar atinente à produção responsável de produtos alimentícios agrícolas, uma vez que com o cultivo em pequena escala, os cuidados prestados no manejo do plantio, cultivo e colheita, são prestados pessoalmente pelos integrantes da família produtora.

Ademais, produtos químicos e agrotóxicos não são ministrados nas lavouras, pois a produção é tida para a subsistência familiar, comercializando-se, tão somente o excedente, cuja procura por estes tipos de alimentos regionalmente produzidos – chamados de orgânicos, vem aumentando no mercado consumidor, além de despertarem interesse de empresas interessadas na preservação desse cultivo, bem como de indústrias que procuram apresentar no mercado alimentos procurados por consumidores interessados na preservação da saúde.

Portanto, a agricultura familiar é um dos principais organismos responsáveis pelo cultivo local de alimentos saudável e ecologicamente corretos, pois vêm sendo produzidos de forma sustentável, sem a exploração irracional dos recursos naturais e que têm gerado a procura e despertado o interesse no mundo todo.

3. A QUESTÃO AMBIENTAL EM QUESTÃO – PERSPECTIVAS PARA O CONSUMO SUSTENTÁVEL

Com o passar dos séculos a população mundial cresceu consideravelmente, fazendo aumentar o consumo de matérias-primas e ocasionando considerável desgaste dos recursos naturais. Aludida situação chamou atenção, fazendo-se perceber que a natureza não é infinita ou ilimitada.

Assim, sabendo-se que os recursos naturais não são totalmente renováveis e quando os são pode demandar tempo considerável para atingir a maturidade necessária,

passou-se, então, a pensar em um novo tipo de desenvolvimento econômico para o setor agrícola que se diferenciasse do modelo adotado nos idos dos anos 1980 que, por muitas vezes, se utilizavam e até se desperdiçavam, de modo intenso, recursos naturais não renováveis.

Foi por meio desta preocupação que o Consumo Sustentável - criado a partir do termo Desenvolvimento Sustentável – passou a ser um desafio para toda a população, pois demonstra a necessidade de se adotar um novo estilo de vida e de padrão de consumo, criando ou mudando hábitos simples que por muitas vezes passam despercebidos em nossa rotina.

A preservação do Meio Ambiente pode se dar, além da mudança de estilo de vida e de padrão de consumo, através da prática de atos simples e colocando à prova que se todos fizerem a sua parte é possível reduzir o impacto ambiental negativo em nosso planeta e o alto consumismo, gerado muitas vezes, por produtos supérfluos.

Nos termos da Agenda 21(SANTA CATARINA, 2004, p.8) pode-se extrair que

o consumo insustentável está aumentando a quantidade e a variedade de lixos. No Brasil cerca de 76% do lixo vai para lixões[...]. A triagem e reciclagem têm mostrado uma alternativa, porém o mais importante é consumir apenas o que é necessário e durável, gerando menos lixo.

Portanto, o consumo consciente pode ser praticado no dia-a-dia, por meio de gestos simples que levam em conta o uso racional da água, da compra, a (re) utilização e descarte de nosso lixo, a escolha consciente de empresas para se adquirir os produtos, pois estas ações, que podem ser consideradas contribuição voluntária e solidária, também podem garantir a sustentabilidade da vida em nosso planeta.

3.1. ECOLOGIA E MEIO AMBIENTE

Palavra de origem grega – *oikos* significa habitação, e *logia*, estudo. Portanto, ecologia é a ciência que estuda o convívio dos seres vivos entre si, e com o ambiente onde vivem. Todos os seres vivos dependem uns dos outros e do ambiente para sobreviverem, toda essa interdependência é estudada pela Ecologia (FIGUEIRÓ, 2007).

Hodiernamente, a grande preocupação de alguns setores ambientais é em relação à destruição desordenada da natureza, que vem causando grandes alterações da biose e do meio ambiente em geral, prejudicando, assim, todos os seres vivos, entre os quais, o próprio homem.

Embora pouco definida e esclarecida, a expressão Meio Ambiente vem ganhando espaço e prestígio no mundo moderno. É de muita importância que se busque esse entendimento para não sermos surpreendidos com a situação em que se encontra, atualmente, a questão ambiental em nosso planeta. Conforme Trigueiro (2005, p.13)

Um erro bastante comum é confundir meio ambiente com fauna e flora, como se fossem sinônimos. É grave também a constatação de que a maioria dos brasileiros não se percebe como parte do meio ambiente, normalmente entendido como parte de fora, que não nos inclui.

Deste modo, o que nos leva a parar e repensar acerca da posição assumida em relação a esse fato é, justamente, a constatação de que o Ser Humano faz parte do meio ambiente, cuja reflexão faz com que surja uma consciência ambiental e, a partir daí, também faz com que as ações praticadas atendam a ideia de conservação e de preservação das relações existentes entre o indivíduo e o universo.

De acordo com Feldmann, (2005, p.147) “A capacidade de identificar esse conjunto de relações, a interdependência entre elas, nosso papel enquanto indivíduos, cidadãos, seres biológicos, é um capítulo apenas iniciando”.

Todavia, constata-se que essa consciência ecológica nos seres humanos não vem se desenvolvendo a passos largos, ao contrário. Diante da imensidão dos recursos naturais existentes, porém finitos, nosso planeta está sofrendo uma degradação ambiental descontrolada, com a utilização irracional de seus recursos, mesmo cientes que muitas comunidades dependem destes para sua sobrevivência.

Ademais, vislumbra-se que o ser humano, além de responsável por essa degradação, encontra-se sofrendo as consequências de seus atos, uma vez que as variações climáticas, a radiação solar e outras intempéries que vêm acontecendo diariamente, decorrentes da agressão ao meio ambiente, atingem diretamente a saúde, o trabalho, os alimentos, enfim, a vida do homem.

Neiman (2002, p.179), ao analisar os argumentos acima expostos, considera que

A mudança da lógica da sociedade – impactada pelos danos que causou no decorrer dos tempos - procura buscar soluções que não somente preservem e mantenham os recursos naturais existentes, mas ainda que restaurem e recuperem os já danificados.

Por fim, é de se destacar que a mudança de atitudes em relação ao meio ambiente é fundamental para que aja uma transformação para melhor, já que consumimos a mais dos recursos naturais que o planeta consegue repor.

3.2. CONSUMO SUSTENTÁVEL

Com o início da globalização, a partir do século XX, por meio da rápida troca de informações, via *web*, implicou em um alto índice do uso de recursos naturais, uma vez que o uso de recursos naturais e o consumo estão intrinsecamente ligados.

Essa ligação é devida à rapidez das descobertas, da tecnologia e da ciência, aliadas à necessidade de informações em curto espaço de tempo, cujas circunstâncias fazem com que ocorra uma intensa exploração dos recursos naturais.

Ora, é crível que o consumo desenfreado dos países desenvolvidos e em processo de desenvolvimento, gera a busca desmedida por recursos naturais, causando degradação do ambiente natural e pobreza, devido ao imediatismo econômico globalizado.

Entretanto, foi a partir da Conferência de Estocolmo em 1972, que se iniciou a tomada da consciência ambiental pela própria sociedade, uma vez que pressionou as empresas poluidoras para o reconhecimento de suas responsabilidades e pela interferência degradante sobre o meio ambiente.

E mais, foi nesta ocasião que restou reconhecida a importância da Biodiversidade, enquanto reserva estratégica da humanidade.

Mais tarde no Brasil, com o advento da Constituição Federal de 1988, também restou disposto no artigo 225 que: “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado”, e delega ao Poder Público, em concorrência com toda a coletividade, o dever de defendê-lo para as presentes e futuras gerações.

A conscientização ambiental e a prática de atos conscientes são fundamentais para garantir a sobrevivência da raça humana, bem como das próximas gerações. Aludidas medidas além de simples não demandam tempo e/ou dinheiro, pois para se obter resultados positivos na preservação e conservação do meio ambiente, basta observar o que se encontra a nossa volta e agir.

É nesse ponto que o consumo sustentável faz-se crucial. Tem-se que é por meio do consumo sustentável que se pode garantir a redução dos índices de pobreza, os direitos das crianças e adolescentes, o acesso à educação e ao trabalho, a solidariedade, bem como o respeito à biodiversidade.

Seguindo o entendimento de Montibeller-Filho (2001, p.17)

O desenvolvimento sustentável (DS) é um conceito amplo, devido a esta característica, permite apropriações diferenciadas e ideologizadas por segmentos sociais de interesse. Sua proposição básica de eficiência

econômica, associada à eficácia social e ambiental, que significa a melhoria da qualidade de vida das populações atuais sem comprometer as possibilidades das próximas gerações, constitui padrão normativo almejado pela maioria das sociedades humanas, hoje.

A todo modo, ainda não ser unânime, não se pode negar que é constatado o aumento da consciência ambiental e da busca por tecnologias “ambientalmente corretas” e “economicamente viáveis”, pois existe uma certa preocupação, por parte da sociedade e até mesmo do Poder Público, nas questões ambientais e sociais.

4. SLOW FOOD⁴

Slow Food é uma associação sem fins lucrativos criada como resposta aos efeitos do *fast food*, ao ritmo frenético da vida atual, ao desaparecimento das tradições culinárias regionais, ao decrescente interesse das pessoas na sua alimentação, na procedência e no sabor dos alimentos e como a forma da escolha alimentar pode afetar o mundo.

Seguindo o conceito de ecogastronomia o movimento *Slow Food* representa a união entre a ética e o prazer da alimentação, bem como favorece a sensibilidade do gosto e a luta pela preservação e uso sustentável da biodiversidade.

Encontra-se voltado para a preservação não somente da satisfação na degustação dos alimentos, mas também no processo de preparação e transformação dos alimentos e o seu cultivo de forma ecologicamente correta, dando preferência aos produtos orgânicos.

Além disso, o *Slow Food* apóia um novo modelo de agricultura que é menos intensivo, mais saudável e sustentável. A base para essa agricultura está no conhecimento das comunidades locais. Procurando manter a relação entre comida e cultura.

O movimento *Slow Food* criou eventos chamados de *convivium*⁵, que celebra a cultura local através da gastronomia. Desta forma, procura transmitir e preservar as tradições culturais de uma determinada localidade, valorizando não só o conhecimento e

⁴ Comida lenta. Traz a idéia de que comer é muito mais do que um simples ato de matar a fome. O movimento do *Slow Food* tem como objetivo trazer à tona o gosto pela culinária regional aliado à preservação da natureza e a sustentabilidade.

⁵ Palavra Latina que significa uma festa, entretenimento, um banquete, conviver.

cultura popular local, mas também como forma capaz de oferecer diferentes maneiras de desenvolvimento econômico para regiões pobres do planeta.

4.1. RETROSPECTIVA HISTÓRICA

Com o pensamento voltado para o conceito de que “Comer é fundamental para viver”, nos idos de 1986, na Itália, o jornalista Carlo Petrini, fundou o movimento do *Slow Food*.

Mais tarde, no ano de 1989, ainda na Itália, o Movimento do *Slow Food* tornou-se uma Associação Internacional que, atualmente conta com parcerias em diversos países, e mantém a ideia de que *comer é muito mais do que um simples ato de matar a fome*.

Para melhor compreensão e localização do movimento no contexto histórico, segue-se quadro demonstrativo:

Fatos Relevantes do Movimento	Período	Parcerias e Apoio/ Local
Fundado por Carlo Petrini	1986	Itália
Associação internacional sem fins lucrativos	1989	Itália
Atualmente conta com mais de 100.000 membros.	2009	Escritórios na Itália, Alemanha, Suíça, EUA, França, Japão e Reino Unido, e apoiadores em 122 países.

Quadro 2: Dados históricos do movimento Slow Food.

Fonte: Adaptado de www.slowfoodbrasil.com

Sempre com o objetivo de alcançar melhor qualidade de vida, o movimento do *Slow Food* traz à lume que a forma como nos alimentamos tem profunda influência naquilo que nos rodeia, ou seja, na paisagem, na biodiversidade da terra e nas suas tradições.

Destaca ainda que, para um verdadeiro gastrônomo é impossível ignorar as fortes relações entre o prato e o planeta. Além disso, melhorar a qualidade da alimentação da população e arranjar tempo para saboreá-la, é uma forma simples de tornar o nosso cotidiano mais prazeroso.

Ademais, além de defender a ideia de que nossa alimentação influencia diretamente no meio em que vivemos, o Movimento/Associação do *Slow Food* tem

como filosofia que o alimento que é ingerido e que chega à mesa dos cidadãos deve ser “Bom, Limpo e Justo”. Senão vejamos:

Filosofia do *Slow Food* é:

Bom, limpo e justo: é como o movimento acredita que deve ser o alimento. O alimento que comemos deve ter bom sabor; deve ser cultivado de maneira limpa, sem prejudicar nossa saúde, o meio ambiente ou os animais; e os produtores devem receber o que é justo pelo seu trabalho.

Quadro 3: Filosofia do *Slow Food*.

Fonte: Adaptado de www.slowfoodbrasil.com

E mais, como toda associação séria e preocupada com a preservação do meio ambiente, sem que isso signifique o corte e/ou a redução do desenvolvimento econômico, difundem a ideia de que não basta ser apenas consumidores, mas é necessário ser co-produtores, pois tendo informação sobre como o alimento é produzido e o desprendimento de apoio efetivo aos produtores, todos se tornam parceiros no processo de produção.

Missão do *Slow Food* é:

As atividades da associação visam defender a biodiversidade, divulgar a educação do gosto e unir aos co-produtores aqueles que têm produtos de excelência.

Quadro 4: Missão do *Slow Food*.

Fonte: Adaptado de www.slowfoodbrasil.com

4.2. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

Através de atividades voltada a sua filosofia e missão, o movimento *Slow Food* por meio de eventos reúne as comunidades que trabalham pela sustentabilidade de seus produtos e gera mecanismos para promover e disseminar e gerar educação e conhecimento em prol da preservação do meio ambiente e cultura local.

O quadro abaixo mostra as principais atividades desenvolvidas pelo movimento do *Slow Food*. Senão vejamos:

Atividade	Foco	Canal de Realização
Defesa da Biodiversidade	Combinando o prazer de saborear boa comida e bebida com o esforço para salvar grãos, vegetais, frutas, raças de animais e produtos alimentícios	Arca do Gosto Fortalezas Terra Madre
Educação do Gosto	Conhecimento da origem do alimento Quem o produz e como é feito	<i>Convivium</i> Oficinas do Sabor Hortas Escolares Universidade de Ciências Gastronômicas
Unindo produtores e co-produtores	Divulgação e apresentação dos produtos e produtores	Feiras Mercados Eventos locais e internacionais
<i>Slow Food</i> nas escolas	Treinamento de professores Melhoria da merenda escolar Programas extra-classe	<i>Convivium</i> Horta escolar

Quadro 5: Principais Atividades desenvolvidas pelo movimento Slow Food.

Fonte: Adaptado de www.slowfoodbrasil.com

4.2.1 Convivium

Convivium é uma palavra Latina que significa ‘um festim, entretenimento, um banquete’.

Os ‘convivia’ são à base do *Slow Food*, através dos trabalhos dos associados que, voluntariamente usam seu tempo para realizar as ideias do *Slow Food*.

Eles articulam relações entre os produtores, realizam campanhas para a preservação dos alimentos tradicionais, organizam degustações e palestras, encorajam e mostram aos *chefs* como usarem alimentos regionais, indicam produtores para participarem de eventos internacionais e lutam para introduzir esta educação do bom gosto nas escolas.

4.2.2 A Arca do Gosto

É um catálogo mundial, também desenvolvido pelo Movimento do *Slow Food*, que identifica,

Ela localiza, descreve e divulga sabores e produtos quase esquecidos e ameaçados de extinção. Desde o ano de 1996, já foram catalogados mais de 750 produtos ameaçados de desaparecer.

4.2.3 A Atuação do *Slow Food* em Santa Catarina

Em Santa Catarina o movimento *Slow Food* está presente desde o ano 1989 em algumas comunidades do Estado.

O quadro abaixo mostra alguns municípios do Estado de Santa Catarina, em que o movimento *Slow Food* vem atuando e os produtos sendo cultivados de maneira sustentável.

Município	Associação / Comunidade	Famílias / Membros	Produtos Cultivados	Parceiros
Chapecó	APACO	4.500 agricultores	Queijos e derivados, Frutas locais	Sindicatos de trabalhadores, movimentos sociais locais e da Igreja
Praia Grande	Vale de Mampituba	150 pessoas de 35 famílias	Banana Palmito Legumes Açúcar de cana Mel	Políticas voltadas ao turismo rural e para as agroindústrias
Florianópolis	Santo Antônio de Lisboa	50 famílias	Farinha de mandioca	
Urubici e Lages	Fortaleza do Pinhão	573 famílias	Pinhão	Cooperativas locais
Santa Rosa de Lima	Santa Rosa de Lima	100 agricultores	Frutas Geléias Doces Bolos Sorvetes Legumes Conservas Cereais	AGREGO Produtos certificados pela Ecocert

Quadro 6: Municípios onde o *Slow Food* atua em Santa Catarina.

Fonte: Adaptado de www.slowfoodbrasil.com

Para garantir o equilíbrio do ecossistema e uma colheita sustentável de um dos produtos da Região do Planalto Catarinense, o pinhão já restou inserido no Catálogo desenvolvido pela “Arca do Gosto”, bem como já faz parte da Fortaleza do *Slow Food*.

Registre-se ainda, que é por meio do projeto realizado pela 'Fortaleza' que as Florestas de Araucárias vêm sendo conservadas e protegidas, fazendo com que os produtores recebam uma remuneração mais adequada e justa pelo cultivo sustentável do produto do Pinheiro Brasileiro.

O quadro abaixo revela algumas atitudes que já geraram mudança no Estado de Santa Catarina, mostrando que com vontade e participação, muito se pode fazer.

Nome / Cidade	Transformação	Resultado
Denise Gonçalves Três Barras	Cascas, folhas e talos de frutas e verduras não vão mais para o lixo.	Bolos, Pães e geléias. Folga no orçamento doméstico.
Júlia Bertelli Blumenau	Não esquecer a luz acesa, tomar banho mais rápido.	Diminuição na conta de luz e água.
Victor de Freitas Batista Palhoça	Descoberta pela preservação do verde.	Através do teatro desenvolve educação ambiental e social.
Odirlei Paulo Lázare Arroio Trinta	Palestra na escola de um técnico da Epagri. Ida a Brasília.	Mutirão para limpeza dos rios, coleta seletiva do lixo. Verba para um sistema de esgoto.
Werá Mirim Aldeia Harmonia (Imarui - SC)	Professor bilíngüe. Grupo musical. Lançamento de um CD.	Conhecer novas culturas, reforço da identidade guarani.
Ricardo dos Santos Ramos Laguna	Diminuição dos peixes e camarões.	Mudança no hábito e estilo de pesca. Orientações às comunidades. Não pesca mais com coca que pega camarão muito pequeno.

Quadro7: Quadro demonstrativo das mudanças que vem sendo feitas no Estado de Santa Catarina.

Fonte: Adaptado de Revista da Agenda 21 catarinense (2004).

Atitudes, ainda que pequenas, podem fazer com que o desenvolvimento sustentável ultrapasse barreiras e espalhe novas ideias, hábitos de consumo racional e

produção consciente, para garantir a existência dos recursos naturais e ambientais, proporcionando melhores condições de vida para a atual e para as futuras gerações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido com o objetivo de verificar a utilidade do consumo sustentável para as empresas, bem como quais as alternativas a serem exploradas diante de um grupo de consumidores sustentáveis.

Em um período da história em que a alimentação é o foco de diversos setores da economia do país, constata-se a necessidade da atividade produtiva no campo. Com a alimentação discute-se o desenvolvimento sustentável, pois cada vez mais a saúde humana é fator de preocupação, inclusive internacional, e, com ela, as manifestações positivas e favoráveis à produção agroecológica.

Há bastante tempo se fala em produtos orgânicos, tanto quanto se fala em agrotóxicos e em seus males sobre a saúde humana.

É justamente neste meio que foi constatada a presença de consumidores exigentes, voltados para a segurança alimentar e para a procura por produtos saudáveis, bem como para a preservação ambiental. A aquisição, por estes consumidores, de produtos alimentares produzidos de forma orgânica, isto é, sem agrotóxicos, hormônios e adubos químicos, vem a impulsionar a economia regional do país.

Desta forma é que se constatou que produtores lançaram-se à produção de orgânicos como alternativa à produção com alta participação química. Entretanto, verificou-se que aludida produção, ainda que em escala pouco difundida, é eminentemente cultivada por famílias de pequenos proprietários rurais – agricultura familiar, por isso fala-se em economia regional e/ou local.

Esse ciclo produtivo, além de difundir a culinária local, preserva a cultura de produtos tradicionais e potencializa o giro econômico das famílias, vez que cultivam alimentos para a subsistência e colocam no mercado o excedente da produção, de forma diversificada, em vista da regionalização do alimento e devido à sua procura por parte de consumidores interessados no uso.

Tem-se, ademais, que as diversidades sociais e regionais não devem ser vistas como fatores limitadores de desenvolvimento, mas como potencializadores e dinamizadores da implantação de um projeto de desenvolvimento sustentável para o Brasil rural.

O reconhecimento dessas diversidades sociais e regionais na formação do espaço rural brasileiro cumpre um papel fundamental, na definição das políticas públicas, na medida em que as ações voltadas para a construção do desenvolvimento sustentável precisam estar balizadas pela existência dessas pluralidades.

O Brasil apresenta grande percentual de agricultores familiares, dentre eles famílias que praticam somente agricultura orgânica e que, devido aos seus saberes e aos seus conhecimentos, no que se refere a grande diversificação da produção, processamento e exploração equilibrada dos recursos naturais, apresenta grandes potencialidades para produção desse tipo de alimento. Nestes casos, esse tipo de agricultura exerce um importante papel na diferenciação dos produtos da agricultura familiar e na agregação de valor.

Essa produção exige um acompanhamento cuidadoso, quase personalizado, diversificação de condições agroecológicas somente possíveis em produção de pequena escala. Além disso, representa para a pequena propriedade uma possibilidade de agregação de valor à pequena produção, geração de renda e economia locais, sem falar do cumprimento da função social da terra de forma ecologicamente correta.

A prática da agricultura sustentável como fonte propulsora para o consumo, também sustentável, é a ideia e o objetivo que vem sendo difundido por organismos como a Associação Internacional do Slow-Food.

Diante da preocupação de se conjugar o prazer da alimentação com consciência, responsabilidade e desenvolvimento sustentável, a Associação estudada no presente trabalho - *Slow Food*, tem como foco a saúde e o bem-estar do homem, através da preservação das tradições culinárias regionais e da origem dos alimentos consumidos, tudo isso como forma de alertar o homem acerca dos efeitos negativos do *fast-food*.

Esses organismos incentivam o modelo de cultivo de alimentos menos intenso, porém mais saudável e com sustentabilidade, pois preceituam a apuração do gosto/sabor, através de alimentos cultivados sem aditivos químicos e com o uso sustentável da biodiversidade, cuja agricultura é desenvolvida por comunidades locais, formadas por agricultores familiares.

Neste prisma, verificou-se ainda que esse sistema procura vincular os alimentos com a cultura desenvolvida em determinado local, de forma a valorizar não só o conhecimento e cultura popular local, mas também como forma capaz de oferecer diferentes maneiras de desenvolvimento econômico para regiões mais necessitadas, preservando-se, ainda, o meio ambiente.

A todo modo, o cultivo de produtos orgânicos, incentivado por associações preocupadas com a saúde do homem, manutenção das tradições culinárias e alimentos regionais e com a preservação da natureza, ensejam na colocação de produtos alimentícios diferenciados no mercado e em um modelo de desenvolvimento econômico alternativo.

Registre-se que aludidos produtos orgânicos são tidos como sustentáveis porque não lançam mão de produtos químicos que contaminam as águas, perturbam processos ecológicos, prejudicam microorganismos benéficos e causam problemas de saúde aos produtos e consumidores.

Verificou-se, ademais, que a agricultura orgânica, cujos produtos são colocados no mercado, está voltada e orientada para a melhoria da biodiversidade, restabelecimento do equilíbrio ecológico natural, conservação do solo e dos recursos hídricos.

Diante de todo o explanado e da atual conjuntura econômica em que se fala em sustentabilidade e necessidade de preservação da biodiversidade, vê-se nesse sistema de produção orgânica, incentivo à economia local, preservação do meio ambiente e atendimento à demanda do consumidor, oportunidade de desenvolvimento e crescimento econômico para as empresas.

Através do consumo sustentável, isto é, da procura por produtos orgânicos, as empresas veem-se obrigadas a redirecionarem seus objetivos, para atenderem os anseios do consumidor de produtos sustentáveis que, embora de forma lenta, o interesse pela aquisição desses alimentos está sendo despertado na maioria dos consumidores internos.

Ademais, o ramo empresarial ainda pode utilizar como ferramenta para o seu crescimento econômico o consumo sustentável no mercado internacional, uma vez que pode vincular-se aos pequenos produtores de orgânicos, adquirindo a ‘safra’ e colocando-a no mercado internacional através da exportação.

E mais, alternativamente as empresas podem lançar mão dos nichos de consumidores sustentáveis de forma regionalizada, criando-se assim, pequenas cooperativas que comprarão as mercadorias e, com mais facilidade, as colocarão no mercado de consumo.

Outra forma de exploração econômica por parte do setor empresarial dos ‘nichos’ de consumidores sustentáveis, como forma de crescimento e giro de capital, é organizar de forma regional ‘nichos’ de produtores orgânicos em que a empresas farão a compra desses alimentos orgânicos e os venderão a consumidores pré-determinados,

isso de acordo com a exigência, gosto, costume e cultura do consumidor.

Portanto, angariando esse sistema econômico o setor empresarial além de estar voltado para o mercado do futuro, estará contribuindo com o desenvolvimento econômico regional, para a manutenção dos pequenos proprietários rurais no campo, com retorno adequado às famílias agricultoras, bem como pela preservação dos produtos alimentícios regionais e pela conservação dos recursos naturais, de forma sustentável, cuja característica será exigida das empresas e indústrias em um futuro muito próximo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRECO. Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral. Disponível em <http://www.agreco.com.br>. Acesso em 20 novembro 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** Texto Constitucional promulgado em 5 de outubro de, 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n 1/92 à 57/2008, pelo Decreto n 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de revisão n 1 à 6/94. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2009. 512p.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA. **Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável – CONDRAF**, 2006.

EMBRAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em <http://www.embrapa.br>. Acesso em 16 de novembro 2009.

FELDMANN, Fábio. **Consumismo**. In: TRIGUEIRO, André (Coord.) **Meio Ambiente no Século 21:** 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. 4. ed. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2005. 367p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio:** o minidicionário da língua portuguesa dicionário/Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coord. De edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos. – 7 ed. – Curitiba: Ed. Positivo, 2008. 896p.

FIGUEIRÓ, Nelson. **O que é, o que é meio ambiente?** Florianópolis: Epagri/Ciram, 2007. 40p.

IBD CERTIFICAÇÕES. Disponível em <http://www.ibd.com.br>. Acesso em 16 novembro 2009.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados / Marina de Andrade Marconi. 6. ed. 2. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Disponível em <http://www.mma.gov.br>. Acesso em 16 novembro 2009.

MONTIBELLER-FILHO, Gilberto. **O mito do desenvolvimento sustentável:** Meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias, Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

NEIMAN, Zysman. **Meio Ambiente:** Educação e Ecoturismo. Barueri, SP: Manole, 2002.

PLANETA ORGÂNICO. Disponível em <http://www.planetaorganico.com.br/>. Acesso em 17 novembro 2009.

SANTA CATARINA. **Agenda 21 Catarinense.** n°1, março, 2004. Revista, Tempo editorial, p. 31.

SLOW-FOOD BRASIL. Disponível em <http://www.slowfoodbrasil.com>. Acesso em 23 novembro 2009.

TRIGUEIRO, André (Coord.) **Meio Ambiente no Século 21:** 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. 4. ed. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2005. 367p.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias:** o Brasil é menos urbano do que se calcula / José Eli da Veiga – 2. Campinas, SP: Autores Associados, 2003, 304p.